

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO**

DIEGO RABELO ALVES

**ESPELHO SURDO:
O CORPO DO ARTISTA COMO FORMA DE EXPRESSÃO**

**CRICIÚMA
2015**

DIEGO RABELO ALVES

**ESPELHO SURDO:
O CORPO DO ARTISTA COMO FORMA DE EXPRESSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profª Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva.

CRICIÚMA

2015

DIEGO RABELO ALVES

ESPELHO SURDO: O CORPO DO ARTISTA COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte.

Criciúma, 23 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profª Silemar Maria de Medeiros da Silva - (Mestrado em Educação – UNESC)
Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus - (Mestrado em Educação – UNESC)

Profª Simone das Graças Nogueira Feltrin- (Mestrado em Educação – UNESC)

Dedico a elaboração deste trabalho de Conclusão de Curso a minha mãe Sônia Regina Rabelo Alves, responsável por várias decisões que tomei em minha vida. Pelo seu comprometimento e dedicação em me tornar reconhecido como cidadão de direitos, aprendendo, ensinando e lutando. A minha mãe que tanto amo.

AGRADECIMENTOS

A Deus...

Com as preocupações da vida diária, esqueci tantas vezes de agradecer, Senhor. Por isso, quero agora demonstrar minha gratidão. Agradecer-te por me conceder a vida e ter permitido que pessoas tão especiais fizessem parte do meu mundo.

Aos meus pais...

Além de ser eternamente grato pelo dom da vida que me concederam, ainda agradeço por terem revestido minha vida de amor, carinho e dedicação, cultivando em mim os valores que me transformaram em um adulto responsável e consciente.

A meu irmão Gustavo...

Agradeço pela paciência que teve quando estive ausente, me enchendo de amor e alegria. Reconheço que em alguns momentos não dividimos nossas emoções. Não dei o beijo que queria dar e não disse o quanto és importante para mim.

O tempo foi curto, passou muito rápido e não esperava...

Mas vocês sempre estiveram torcendo por mim e isso foi muito bom.

Ao meu pai...

Parceiro e companheiro de todas as horas, meu querido pai...

Agradeço de todo o meu coração.

E ainda...

A meu intérprete Anderson pela paciência e dedicação.

A minha orientadora Silemar por ter acreditado em mim e por ter contribuído com meu aprendizado.

Agradeço a todos os meus amigos e familiares que torceram por mim. E agora quando realizo mais um de meus sonhos quero compartilhar toda minha alegria.

Jamais poderemos compreender o que o outro espera de nós, e o que esperamos do outro. Mas ainda é preferível fazer, mesmo errando, a nada fazer pelo medo de errar.

Autor desconhecido

“A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. Permita-se ‘ouvir’ estas mãos, somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem ‘ouvir’ o silêncio da palavra escrita”.

Ronice Quadros

RESUMO

A pesquisa foi baseada no estudo sobre reflexões a partir da relação existente entre arte contemporânea, corpo, forma de expressão, Libras, artistas e autorretrato. O livro de Kátia Canton: Espelho de Artistas, que apresenta o corpo na arte, no exercício do autorretrato foi estímulo a novas descobertas, contribuindo com o processo de criação para minha produção artística. Assumo o objetivo de refletir sobre de que forma a Libras pode se fazer alimento na arte contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão. Trata-se de uma pesquisa narrativa autoetnográfica por se tratar de meu processo de formação como artista. Não tenho a pretensão de responder ao problema da pesquisa, De que forma a Libras pode se fazer como alimento para a produção artística contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão, mas sim contribuir para uma melhor compreensão da relação entre Libras e arte. Para dar visibilidade a pesquisa trago a discussão temáticas como: Arte contemporânea: o corpo do artista como forma de expressão, o corpo na arte no exercício do autorretrato, o corpo e a identidade na arte contemporânea, a relação do surdo com a arte: reflexões a partir da Libras, o surdo artista ou a arte surda, apresento três artistas surdos que contribuem comprovando que a surdez não impede que o artista se comunique com os ouvintes através da arte, os surdos são surdos na arte? O diálogo teórico toma como referência o livro de Katia Canton (2004). Como processo de criação, apresento a obra “Espelho Surdo”, utilizando a Libras como língua e o vídeo arte como forma de linguagem. Uma produção que propõe diálogos com o espectador surdo e ouvinte. Neste processo, minhas mãos são apresentadas, refletindo como um território desconhecido ao mundo das artes. Neste diálogo procuro demonstrar que o surdo não é surdo na arte desde que seja dado a ele o acesso a esta arte.

Palavras-chave: Libras. Arte Contemporânea. Corpo. Forma de Expressão.
Autorretrato.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pintura e colagem sobre tela.....	14
Figura 2 - Autorretrato Goya.....	25
Figura 3 - Fuzilamento de 8 de maio de 1808.....	26
Figura 4 - Três de maio.....	26
Figura 5 - Foto Marcos Anthony.....	27
Figura 6 – A deusa dos animais e os guerreiros.....	28
Figura 7 - Os guardiões.....	28
Figura 8 - Fernanda Machado.....	29
Figura 9 - Arte Surda.....	30
Figura 10 - Arte Surda.....	30
Figura 11 - Minha Família.....	33
Figura 12 - Funeral de minha bisavó.....	33
Figura 13 -: Desenho - Exposição“Somos”.....	34
Figura 14 - Obra Somos.....	35
Figura 15 - Espaço do campus Universitário.....	37
Figura 16 - Espaço do campus Universitário.....	37
Figura 17 - Espaço do campus Universitário.....	37
Figura 18 - Espaço do campus Universitário.....	38
Figura 19 - Dança - Teatro.....	38
Figura 20 - Dança – Teatro.....	39
Figura 21 - Exposição UNESC – Piedade em laranja – 2014.....	39
Figura 22 - Exposição UNESC – Contorcionista – 2014.....	40
Figura 23 - Olhos Atentos.....	44
Figura 24 - Fotografia - Autorretrato.....	44
Figura 25 - Serigrafando.....	45
Figura 26 - Croqui - Serigrafando.....	45

Figura 27 - Autorretrato	46
Figura 28 - Torres gêmeas	46
Figura 29 - Sobrinha Emili	47
Figura 30 - Padroeiros.....	47
Figura 31 - Light Painting	48
Figura 32 - São Francisco de Assis - Parede do meu quarto de praia.....	48
Figura 33 - São Francisco de Assis.....	49
Figura 34 - São Francisco de Assis.....	49
Figura 35 - Espelho Surdo: o corpo do artista	51
Figura 36 - Espelho Surdo: o corpo do artista	52
Figura 37 - Espelho Surdo: o corpo do artista	52
Figura 38 - Espelho Surdo	53
Figura 39 - Espelho Surdo	54
Figura 40 - Espelho Surdo	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 MAPA DOS CAPÍTULOS	12
1.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
2 ARTE CONTEMPORÂNEA: O CORPO DO ARTISTA COMO FORMA DE EXPRESSÃO	16
2.1 O CORPO NA ARTE NO EXERCÍCIO DO AUTORRETRATO	17
2.2 O CORPO E A IDENTIDADE NA ARTE CONTEMPORÂNEA.....	18
3 A RELAÇÃO DO SURDO COM A ARTE: REFLEXÕES A PARTIR DA LIBRAS	22
3.1 O SURDO ARTISTA OU A ARTE SURDA?	25
3.2 OS SURDOS SÃO SURDOS NA ARTE?.....	31
4 ESPELHO SURDO: MEU PROCESSO DE CRIAÇÃO	32
4.1 A ESCOLHA DA LINGUAGEM E SEU CONCEITO	40
4.2 A ESTRUTURA DA PROPOSTA	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

Como acadêmico do Curso de Artes Visuais – Bacharelado apresento reflexões e estudos feitos sobre artes durante os quatro anos em que estive no curso. Esses estudos levaram-me a ampliar e compreender alguns conceitos que estão contribuindo com a minha formação acadêmica e também como ser humano.

Busco como palavras-chave para nortear meu trabalho de conclusão de curso: Libras, arte contemporânea, artistas, corpo, forma de expressão e autorretrato porque busco o diálogo com alguns autores e artistas que discutem estas temáticas, tentando entender de que forma a Libras – Língua Brasileira de Sinais pode se fazer como alimento para a produção artística contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão.

Assumo este desafio enquanto problema de pesquisa. Não tenho a pretensão de responder a este problema, mas sim elaborar e problematizar alguns conceitos que levem a uma melhor compreensão da relação das Libras, artistas, arte, corpo.

Sou surdo e, durante esta trajetória verifiquei o quanto é difícil para um estudante surdo compreender os conceitos que circulam o mundo das artes. Compreender o que está sendo dito, fazer referência a um corpo teórico, estabelecer relações e elaborar novos conceitos. Não é nada fácil, haja vista que nós sujeitos surdos, temos vocabulários restritos.

Frente a essa dificuldade, tenho três pessoas que me acompanham, cito Anderson Henfrain Guollo, o intérprete que me auxilia na comunicação com os professores; Não menos importante tenho minha mãe, quem constantemente fez as revisões da minha escrita, juntamente com minha orientadora. Espero, assim, desenvolver estas temáticas o mais próximo possível do proposto tendo como objetivo: “compreender e refletir sobre a relação entre Libras e arte contemporânea como processo de formação do sujeito surdo, considerando o corpo do artista como forma de expressão”.

Por me identificar como uma pessoa que se utiliza do corpo como um todo para se comunicar e se expressar, assumo assim um fazer artístico que envolva meu próprio corpo.

Considero esta pesquisa de extrema importância para reflexão das diferentes formas de expressão, uma vez que, para Gaiger (2000, p.110): “O corpo

reflete todas as nossas experiências e tem em si escrita toda a nossa história; é através dele, essencialmente, que nós nos comunicamos e nos expressamos”. Neste sentido, materializar uma produção artística a partir da Língua de Sinais, considerando o corpo do artista enquanto um espelho surdo se faz como fruto dessas reflexões.

Partindo da compreensão de que a Língua Brasileira de Sinais é a língua utilizada pelas pessoas surdas para estabelecer comunicação, e tendo ela como uma de suas configurações a expressão, enquanto facilitadora do entendimento e complemento da codificação, busco estabelecer relação com a expressão corporal, no diálogo com as possibilidades da arte. Sendo que a arte é entendida aqui como atividade humana ligada a manifestações de ordem estética e poética, realizada a partir da percepção, das emoções e das ideias. Reconheço-a como manifestação artística cultural de diferentes tempos, desde a pré-história, podendo ser apresentada de várias maneiras, técnicas e materiais, envolvendo o conhecimento do sensível. Podendo ultrapassar gerações, tendo diferentes estilos e provocando estranheza.

Portanto apresento aqui algumas questões que auxiliarão a dar um caminho para esta pesquisa: Existe relação entre Língua de Sinais e a arte contemporânea? Como se relacionam a surdez e a arte? Como materializar uma produção artística a partir da Língua de Sinais? Busco ainda a relação entre expressão apresentada na arte e expressão corporal da língua brasileira de sinais.

Diante do exposto relato, o quanto a arte faz parte do nosso cotidiano, o quanto é possível vivenciar arte, trago “Espelho surdo: o corpo do artista como forma de expressão” como título deste desafio.

Como objetivos específicos: Buscar a relação entre arte e Língua Brasileira de Sinais; relacionar a arte como forma de comunicação entre arte e surdez; materializar uma produção artística a partir da Língua de Sinais.

O que mais gosto na arte é que ela fala por si só, dependendo da compreensão e entendimento de cada um. Por isso tudo é que me encontro no Curso de Artes Visuais, falando como um aprendiz de pesquisador e me constituindo como ser que aprendeu a gostar mais e mais de arte.

Falo de uma pesquisa em arte que envolve a discussão teórica a partir de alguns conceitos que dialogam com a própria produção artística. Um fazer arte, que neste caso, tem a linguagem de vídeo-arte como uma possibilidade híbrida.

Possibilidade esta que visa o desafio de melhor elucidar de que forma a Libras pode se fazer como alimento para a produção artística contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão. Para tanto, apresento um mapa dos capítulos, seguido das questões metodológicas.

1.1 MAPA DOS CAPÍTULOS

Sabemos que um mapa tem a função de representar visualmente ou graficamente um determinado assunto, organizar pensamentos e escritas para uma maior compreensão do todo. Diante deste fato, pretendo apresentar o mapa dos capítulos no sentido de organizar pensamentos e reflexões.

Apresento como primeiro capítulo a introdução, onde são apresentadas as justificativas a respeito da elaboração desta pesquisa; o mapa dos capítulos (este) e ainda os caminhos metodológicos da pesquisa, caminhos estes apresentados a partir de Minayo (1993), Zamboni (2001) e Santaella (2001).

Trago como segundo capítulo recortes sobre a arte contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão a partir do livro “Espelho de Artista” de Kátia Canton(2004)na qual faço referências, entre outros.

Segundo Canton (2004, p.39), “a arte começou a se expressar por vários meios, os artistas começaram a brincar com suas próprias imagens com extrema liberdade”. Parto de um diálogo com artistas sobre o corpo na arte, destacando um pouco da história da arte no decorrer do tempo. Remeto-me a alguns artistas que dialogam com o corpo e a identidade na arte contemporânea.

No capítulo 3 (re)início a conversa com a relação do surdo com a arte, com reflexões a partir da Libras. Apresento reflexões sobre a participação dos surdos nos espaços expositivos e questiono a situação do surdo com a seguinte pergunta: surdos são surdos na arte? Cito alguns artistas surdos e discorro sobre minha visão em relação à arte em minha condição de surdo, buscando um diálogo teórico pertinente.

Apresento, no capítulo 4, o tema central da pesquisa: Espelho surdo: meu processo de criação. Coloco o conceito de vídeo-arte como minha escolha para a materialização artística deste desafio enquanto artista e diálogo com artistas que utilizaram o corpo como forma de expressão. Por fim, no capítulo 5 apresento as considerações finais, seguido das referências utilizadas como fonte de pesquisa.

1.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa científica é um processo cercado de uma metodologia de investigação que procura em procedimentos científicos respostas aos problemas levantados pelos pesquisadores (MINAYO, 1993), sendo que isto possibilita o diálogo com a produção do conhecimento, trazendo novas informações para a comunidade científica. Diante disso, busco neste TCC, que tem como título “Espelho Surdo: O corpo do artista como forma de expressão” responder o problema de pesquisa: “De que forma a Libras pode se fazer enquanto alimento para uma produção artística contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão?” Para início de conversa proponho dialogar com o livro “espelho do artista” de Kátia Canton (2004), como um estímulo às novas descobertas.

Também me desafio a utilizar uma pesquisa narrativa autoetnográfica através de minha própria experiência enquanto acadêmico do curso de Artes Visuais e ainda minha experiência enquanto sujeito surdo com aprendizagens visuais. A pesquisa narrativa está expressa neste trabalho por se tratar de narrativas acadêmicas próprias, que segundo Garcia (2013, p.278): “A pesquisa narrativa assume que os conhecimentos, assim como os significados com os quais lhes damos sentido, estão localizados em determinados contextos sociais, históricos, culturais e, também acadêmicos”.

Quando a chamo de pesquisa autoetnográfica é no sentido de que ela se propõe a me fazer refletir sobre minhas próprias aprendizagens sobre arte, a partir de experiências visuais que utilizam o corpo como forma de expressão. Sendo assim, a perspectiva autoetnográfica me possibilita pesquisar sobre narrativas pessoais, que me permitem utilizar experiências, textos e trabalhos autobiográficos. Lembro-me de um trabalho acadêmico da disciplina de Composição Visual, no qual deveria produzir uma obra pictórica sobre mim mesmo; não tinha muita noção de como fazer isso, porém fiz em uma tela (Figura 1). O trabalho aconteceu a partir de colagens de gravuras e pinturas que me descreviam; contemplava assim, sentimentos, anseios e prazeres do momento. Tentei representar um leão enjaulado, impossibilitado de caminhar livre, indo à busca de seus sonhos, mas associando a figura do leão à de alguém que não desiste. Hoje reflito sobre aquele trabalho, de que forma poderia me representar. Como poderia representar minhas incertezas com relação à arte? Com a experiência e conhecimentos adquiridos sobre arte

durante o curso, me vejo – nessa experiência de representação da própria identidade com a figura do leão –no exercício de quebrar barreiras quando vejo uma grade que impede a passagem de um rei, um rei que encontra na selva um mundo de coisas que não lhe pertencem, mas que por direito vai criando o desejo de compreendê-las.

Figura 1 – Pintura e colagem sobre tela



Fonte: Acervo do autor

Este trabalho foi me trazendo o desejo de melhor conhecer este sujeito que vive atrás de uma grade e que, apesar de suas limitações, encontra na arte uma porta que o leva para caminhos imprevisíveis. Retomo, assim ao caminho metodológico desta investigação, na qual me utilizo de uma pesquisa com uma abordagem qualitativa que pretende explorar as opiniões e representações do tema investigado por seu caráter exploratório, que se baseia na procura de revisão bibliográfica, envolvendo livros, artigos científicos e revistas especializadas, permitindo-me dialogar com o tema pesquisado.

O ponto de partida da pesquisa se baseia na experiência pessoal extremamente visual, única, singular de ser surdo, mas também de experiências sociais e culturais adquiridas nas relações com o meio que nos cerca. Reconheço outras experiências, tão significativas quanto, com possibilidades interpretativas, como diz o texto de Lavelberg: “Como um historiador de si mesmo, [...] reescreve sua biografia todos os dias e a reconstrói, seu imaginário se transforma orientado por

suas experiências de aprendizagem em sentido amplo.” (2003, p.17). Coloco-me como artista, um artista historiador de si mesmo.

A pesquisa etnográfica, segundo Kock(2012), é ainda pouco utilizada no campo organizacional brasileiro e tem por pressuposto descrever o ponto de vista que constitui sua própria realidade, sua cultura. Neste sentido, remeto-me à cultura do surdo, uma cultura da qual me aproprio diariamente. A autora fala da pesquisa autoetnográfica, fazendo referência à Bochner, quando defende que é algo que permite o envolvimento do pesquisador. Fala da narrativa de seus pensamentos e suas opiniões reflexivas. Permite ao autor transpor para seu estudo todas essas experiências emocionais, o que me leva ao envolvimento por inteiro de algo que só consigo falar de corpo inteiro.

O diálogo teórico busca melhor compreender os conceitos de Libras, arte contemporânea, corpo, forma de expressão, artistas e autorretrato. Falo de uma escrita que vai sendo elaborada – em um semestre – a partir da necessidade de melhor responder ao problema desta pesquisa, um problema que tem como ponto central a elaboração de uma produção artística que traz o corpo do artista como forma de expressão. Evidencia a Libras como alimento estético desta produção. Para tanto, faz uso de um processo de experimentação a partir do vídeo, da captação de imagens em movimento, imagens de um corpo que fala. Um corpo que traz na linguagem da Libras a possibilidade de falar de arte (ver mais detalhes no capítulo da produção artística).

A arte me possibilita a cada dia compreender a mim mesmo, ao outro e o mundo em que vivo, além de ampliar minha percepção para outros conceitos. Nesta busca através da pesquisa autoetnográfica como trabalho de conclusão de curso, respondo questões que me diferem e me fazem tão iguais às outras pessoas, iguais pelo direito enquanto cidadão que sou.

2 ARTE CONTEMPORÂNEA: O CORPO DO ARTISTA COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Arte Contemporânea: o corpo do artista como forma de expressão é o que busco compreender neste momento da pesquisa. Portanto trago algumas definições de contemporâneo e coloco aqui questões sobre este assunto. Contemporâneo é aquele que é do mesmo tempo, da mesma época, especialmente da época em que vivemos. Pode não haver um consenso sobre o que é arte contemporânea, mas sabemos que uma das principais características da arte contemporânea é ir para além do tradicional, como pintura e escultura, ampliando para as demais formas de expressão.

Segundo Cauquelin, (2005, p.18) arte contemporânea “é um período artístico que surgiu na segunda metade do século XX e se prolonga até aos dias de hoje”. Que quebra barreiras, que abre outros horizontes, que busca novos conceitos e amplia as possibilidades. Podemos dizer que houve uma ruptura com relação à arte moderna.

A arte contemporânea apresentou-se com maior evidência na década de 60. Começou-se a questionar o pós-guerra, o estilo de vida que se apresentava no cinema, televisão, moda e na literatura. A ciência e a tecnologia abriram caminho para que as pessoas percebessem que mesmo que a arte fosse feita por outros, poderia descrever suas próprias vidas. Para Cauquelin, (2005, p.39):

Nós temos que pensar essas características do nosso cotidiano porque um dos grandes obstáculos para entender a arte contemporânea é o fato de ela ter-se tornado parecida demais com a vida. É como se, num processo de integração entre arte e vida, a arte tivesse doado tantos sangue para a estetização da vida que ela se estetizou.

Surge, nessa integração entre arte e vida, a arte contemporânea. Artistas que buscavam um sentido nas inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano. A proposta do autorretrato “Espelho Surdo” busca esta relação arte e vida nos caminhos da arte contemporânea. O corpo se faz instrumento do artista, mas que corpo é esse? Como esse corpo tem se mostrado na arte?

2.1 O CORPO NA ARTE NO EXERCÍCIO DO AUTORRETRATO

Para pensar o corpo na arte faço uma referência ao livro de Katia Canton: *Espelho de Artista* (2004), que fala da história que inicia com as mãos marcadas nas paredes das cavernas – como uma marca do próprio homem – até a representação do corpo na pintura em tela, assim como alguns artistas contemporâneos, como Sandra Cinto autorretratada na sua sensualidade. Mostrando que o homem sempre teve necessidade de deixar sua marca, ou seja, registrar de alguma forma seus pensamentos, suas emoções através de seu próprio corpo ao longo do tempo.

Para a autora “na verdade, o autorretrato sempre acompanhou o ser humano em seu desejo de deixar uma marca de sua própria imagem, mesmo depois da passagem de sua vida” (CANTON, 2004, p.5).

A autora relata que alguns artistas se autoretratariam em pinturas em telas e murais. Para ela o caso do artista Giotto di Bondone se evidencia quando o mesmo se inclui em um mural feito por encomenda, chamado Juízo Final, em uma capela na Itália.

Antes da fotografia (Sec. XVI) os pintores eram contratados para retratar, em forma de pintura, pessoas famosas e importantes. Cada artista, ao longo da história, buscou se retratar de formas diferentes. Cada qual com seus conhecimentos, histórias, sentimentos, emoções, expressões, fases da vida. Mas foi Rembrandt que pintou o maior número de autorretratos da história (CANTON, 2004). Procurava demonstrar as particularidades de cada ser humano porque dizia: “Quererão saber que espécie de pessoa eu fui’. E com o tempo e pinceladas, segundo Rembrandt, não só a imagem do artista mudou com a idade, mas também a forma de pintar.” (CANTON, 2004, p.10).

O livro *espelho do artista* apresenta o autorretrato como o espelho do próprio artista porque procura nele retratar a imagem externa, o estado de espírito e sua própria maneira de ver a arte, conforme vai usando cores, luzes, traços, formas e texturas. A cada retrato e autorretrato que é apresentado no livro, percebe-se a dedicação dos artistas de apresentarem não só suas técnicas, estilos, época, mas as expressões e sentimentos dos retratados.

A autora descreve alguns traços de cada obra fazendo-nos refletir sobre a intenção do artista e nos diz, em específico sobre o autorretrato de Mário Zanini: “Mesmo com esse jeito de desenhar que parece um croqui, o artista conseguiu

transmitir bem uma expressão, um jeito de ser. Ele parece sério e sensível. Demonstra certa preocupação e revela um olhar cansado, com olheiras. Em que será que o artista está pensando?” (CANTON, 2004, p.33).

No século vinte os artistas já haviam inventado mil formas de se retratar: pintando, desenhando, esculpindo e, como tudo muda, a arte também muda. O corpo na arte, no exercício do autorretrato, considerando a Libras como forma de expressão, se faz minha produção artística, que pretende, na obra “espelho surdo”, dialogar com espectadores, no sentido de melhor compreender de que forma a Libras pode se fazer como alimento na arte contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão. Portanto diante do exposto me vejo como artista surdo contemporâneo que no mundo da arte se sente completamente incluído, porém ainda sofre com a exclusão em vários espaços da sociedade, por não ser compreendido e também por não compreender algumas coisas que me cercam.

2.2 O CORPO E A IDENTIDADE NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Quando se trata de falar de identidade, considero um tema difícil porque entendo que não temos uma única identidade, mas que somos constituídos de muitas e nos relacionamos com várias delas. É o que trata Kátia Canton (2004, p. 16) quando nos diz que:

A velocidade da vida contemporânea, a virtualização das relações de produção e a instabilidade generalizada que resulta dessas trocas provocam uma sensação de estranhamento em relação ao conceito de identidade. Somos cada um de nós e somos também os outros, as alteridades, tudo aquilo com que nos relacionamos.

Portanto não existe um único conceito de identidade e não podemos nos definir como pertencentes a uma única. Podemos perceber essa definição de identidade em uma exposição no museu da Universidade de São Paulo em 2001, chamada “Autorretrato: espelho do artista”, na qual Kátia Canton foi curadora e tinha como objetivo pôr em discussão como os artistas veem a questão da identidade e lidam com ela, por meio da representação do próprio corpo.

Apresento as impressões de Katia Canton sobre a referida exposição (Canton, 2009, p. 20-23): Os artistas evidenciaram o conceito de autorretrato desde a época das cavernas. Evidenciaram as diversas identidades através do

autorretrato. Esta exposição foi organizada em três módulos: No módulo “Simulacro e a Produção Contemporânea”, Edgard de Souza replicou seu corpo nu, em uma espécie de clonagem de si mesmo.

Keila Alaver resgata a infância ao se retratar em fotomontagem como boneca e Albano Afonso, com um perfurador, cria uma imagem de diferentes autorretratos em camadas, que se sobrepõem ao olhar dependendo do ângulo do observador, confundindo-o e instigando-o. No módulo “As políticas da autoimagem”, os artistas emprestaram suas identidades para o questionamento político e social.

Adriana Varejão se retrata em três obras, como diferentes tipos de mulheres mexicanas, reforçando a noção de marginalização do papel feminino. Josely Carvalho e Lourdes Colombo abordam o papel da mulher nos países árabes. Dora Longo Bahia transporta seu autorretrato para o cotidiano violento exposto nos jornais. Efrain Almeida, por sua vez, criou um boneco miniatura de si mesmo feito de cedro, apontando a pequenez humana diante do universo. No módulo “Contemplações e o eu poético” os artistas se apresentaram em situações de repouso, cada qual com seus conhecimentos, estilos, emoções e expressões discutiram o conceito de identidade de diferentes formas, demonstrando diferentes possibilidades. Sandra Cinto dorme entre livros e desenhos, abrindo identidade para um mundo de sonhos e fábulas. José Rufino incorpora sua autoimagem à carta enviada para o seu avô paterno, propondo deslocamento de identidades.

Ainda de acordo com a autora (idem p.28), “o trabalho destes artistas consiste num contraponto poético a todo um projeto de servidão voluntária do corpo contemporâneo, escravo da imagem na sociedade de consumo”.

Será que somos escravos da imagem? Será que o corpo requer tanto consumo? Como artista, de que forma posso usar o corpo para que o diálogo do surdo com a arte se faça de forma mais efetiva? Seria algo apelativo, algo que nos faça refletir sobre essa relação do surdo com a arte? Seria algo que deixe o ouvinte menos surdo e o surdo mais conectado pelo que também é seu por direito: a arte?

Remeto-me ao trabalho de Marcela Tiboni, uma artista contemporânea que tive a oportunidade de conhecer na aula inaugural do Curso de Artes Visuais, em 26 de agosto de 2012, quando veio proferir palestra sobre “A presença do Corpo na arte contemporânea”. Trata-se de uma artista que fala do corpo físico em contato com a arte e mistura uma concepção de pintura que ultrapassa o convencional.

Pode-se dizer que a artista vê o corpo como sendo a própria arte e nos faz acreditar que é o corpo que entra em contato, que aproxima o artista da arte.

As oportunidades que o Curso de Artes tem nos proporcionado para que possamos melhor compreender a arte vão criando eco no meu modo de pensar, não apenas sobre arte, mas, sobretudo com algo que me move a pensar sobre a vida.

Sempre que via na televisão ou na internet pessoas com o corpo coberto de tatuagens ou pessoas modificando seus corpos com objetos embaixo da pele, *piercings*, maquiagens extremamente fortes ou pessoas com muitas cirurgias plásticas, ficava refletindo sobre o que levou estas pessoas - segundo meus princípios - a estes exageros. Continuo ainda pensando, porém percebo que são pessoas que romperam com padrões, que buscam identidades próprias ou pertencimentos a grupos diferenciados.

Na arte também se observa artista utilizando seu próprio corpo e muitas vezes provocando dores que assustam e desacomodam o sentir que faz parte da vida humana. Segundo Canton (2009,p. 41): “um dos assuntos polêmicos em relação à arte contemporânea é a eventual atração por imagens de dor, deformação e violência.” No exercício de me fazer artista e usar o corpo como instrumento, repenso a relação com a dor e faço opção por algo que realmente evidencie outras questões como a Libras, por exemplo. Algo que deixe a dor física longe desta proposta.

O corpo em diferentes épocas foi retratado na arte, porém com sentidos diferenciados, desde uma simples marca de mão na parede de uma caverna ou autorretratos considerados espelhos do corpo físico, biológico, intelectual, político ou ainda corpos sacro-sagrados e corpos sexuados, ironizados, erotizados e eternizados. A arte nos possibilita viajar pelos lados opostos da vida e do mundo, transcender, até mesmo o ir além. Canton(2009)traz alguns temas como corpo, arte, identidade, erotismo, transcendência através de observações, estudos, participação em exposições e entrevistas com artistas, que nos levam a refletir sobre as diferentes identidades que adquirimos ao longo da vida na busca de nossa própria identidade.

Artistas contemporâneos procuram dar sentido e transcender os limites da realidade, valorizando tudo que foi herdado dos movimentos históricos até os dias de hoje. Neste exercício de melhor compreender o corpo na arte é que vou pensando as possibilidades de melhor responder ao problema dessa pesquisa, ou

seja, “de que forma a Libras pode se fazer enquanto alimento para uma produção artística contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão?”

Para tanto, além desse olhar para o corpo na arte, ampliar olhares e reflexões sobre Libras se faz necessário e é o que abordarei no próximo capítulo, ao trazer a relação do surdo com a arte.

3 A RELAÇÃO DO SURDO COM A ARTE: REFLEXÕES A PARTIR DA LIBRAS

A necessidade do ser humano de se comunicar através de gestos, palavras, leitura e escrita levaram ao desenvolvimento do conhecimento e ainda à busca para estabelecer comunicação e, em consequência disso, o desenvolvimento das diferentes linguagens. As línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social. O homem é um ser de linguagens. Os surdos brasileiros usam a Língua Brasileira de Sinais, uma língua viso-espacial que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas. É uma língua utilizada nos espaços criados pelos próprios surdos, como por exemplo, nas associações, nos pontos de encontros espalhados pelas grandes cidades, nos lares e nas escolas. Como diz Perlin (1998, p. 54), “os surdos são surdos em relação à experiência auditiva”.

Sendo Libras a Língua Brasileira de Sinais utilizada pelas pessoas surdas para estabelecer comunicação como primeira língua, ela tem como uma de suas configurações a expressão do entendimento e complemento da codificação da língua.

Partindo do princípio de que a Língua de Sinais faz uso do corpo para se comunicar é que busco estabelecer relação com a arte contemporânea que também utiliza o corpo como uma das formas de expressão; expressão enquanto arte, expressão enquanto algo que desacomoda olhares e percepções. Diante deste é que encontro nesta relação e na formação como acadêmico de artes visuais bacharel o artista Diego que ainda não se conhecia, que ainda não tinha coragem e nem conhecimento para se sentir protagonista, considerando algo que aqui ouse chamar: o mundo da arte.

Como surdo que sou, encontro-me numa estatística de mais de 45 milhões de deficientes e cinco milhões de pessoas surdas no Brasil, isso é o que relatou o senso do IBGE do ano 2010. Somos muitos, porém, na maioria das vezes, passamos despercebidos pela sociedade, uma sociedade que – na sua maioria – não se incomoda com as barreiras linguísticas que nos impedem de exercer a nossa cidadania.

Como ter acesso a serviços básicos e garantidos pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), como saúde e educação, se nas escolas, nos

hospitais e postos médicos há falta de profissionais que sabem Libras ou que são capacitados para serem intérpretes? Como ter acesso à arte, se as pessoas que lidam com ela, muitas nem sabe como o surdo se comunica? Sendo assim, os surdos tornam-se estrangeiros em seu próprio país.

As imagens, fotografias, vídeos ou pinturas podem ser acessíveis ao surdo sim. Para a compreensão dessas linguagens, o diálogo com o outro é o que pode vir a resignificar ainda mais o modo como a arte nos toca, nos convida a pensar. No caso de pessoas surdas, os estímulos visuais são ainda mais importantes, pois é sua principal forma de comunicação com o mundo, já que seus olhos fazem também o papel dos ouvidos.

Sabemos que a participação em atividades culturais estimula a criatividade e o pensamento crítico, contribuindo com o desenvolvimento de cada um. Como surdo posso dizer que a arte abriu meus ouvidos, o que vou refletindo a partir dessa pesquisa que vai me trazendo possibilidades de pensar sobre uma produção artística que traz o desafio de estreitar cada vez mais a relação do surdo com a arte e dos ouvintes com o surdo, porque não?

Estudiosos e pesquisadores, mais precisamente Perlin (1998, p.57), nos mostram que “criação de imagens e a divulgação das mesmas possibilitam que pessoas surdas assumam o papel de produtoras de bens culturais”. Os surdos, assim, passam a inserir seus discursos na sociedade, dando visibilidade a temas que lhe são importantes, expondo ideais e concepções de mundo. Por meio da arte, os surdos dialogam não só com seus familiares e pessoas próximas, mas também com a sociedade na qual estão inseridos. O diálogo consigo mesmo é algo também possível e necessário. Isso toma proporções ainda maiores com a internet, que ultrapassa qualquer fronteira geográfica. Há, dessa forma, uma democratização da informatização, através da inserção do discurso de grupos que historicamente são excluídos dos meios tradicionais de comunicação.

Por último, a democratização da cultura enriquece a produção do país e traz benefícios a todos – e o acesso à arte é um bem cultural de direito de todos. Este é, no entanto, apenas o primeiro passo na busca de um modelo de sociedade mais justo. É preciso perceber a necessidade de criar oportunidades para que as pessoas cresçam, ocasionando, conseqüentemente, o desenvolvimento da sociedade como um todo. Não é apenas conviver com a diferença, mas valorizá-la.

Segundo Moreira (2012, p.12): “a mediação dos conhecimentos de arte para os surdos vai depender da comunicação em uma língua espacial visual, ainda que seja mínima e estratégica, para diminuir o distanciamento entre o surdo e o educador”. O educador poderia ter como alternativa, obter conhecimento de Língua de Sinais pertinente aos conteúdos propostos em seu plano de ensino, no caso do educador de espaços culturais, teria que dispor da Língua de Sinais que lhe fosse útil na mediação, uma vez que o ensino para os surdos pressupõe o bilinguismo que tem a Libras como 1ª língua e a língua portuguesa como segunda língua e conseqüentemente a interpretação dos conteúdos em língua portuguesa para a língua de sinais pelo intérprete. Isso não torna o educador isento da comunicação e mediação dos conhecimentos em artes, pois será aquele que vai considerar a forma de aprendizado desse aluno.

Na UNESCO, por exemplo, posso dizer que meus professores pouco ou nada sabem de Libras e que por conta disso, tenho um intérprete, contratado pela instituição pois está estabelecido segundo decreto 5626/2005 que diz: “as pessoas com surdez tem direito a uma educação que garante a sua formação, em que a língua brasileira de Sinais e a língua Portuguesa, preferencialmente na modalidade escrita, constituam línguas de instrução, e que o acesso às duas línguas ocorra de forma simultânea no ambiente escolar”. Porém sabemos que a falta deste profissional é uma das dificuldades encontradas hoje em nossa universidade e na região. Portanto nós sujeitos surdos temos a garantia a Lei 10.436/2002 na qual descreve, “a Libras é entendida como a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideais e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”. Essa lei também defende que em espaços expositivos, por exemplo, nós surdos tenhamos direito ao intérprete. Mas, por experiência própria, isso ainda não está garantido. Mesmo em grandes centros como São Paulo ou Porto Alegre, nas visitas às Bienais, não encontrei intérpretes em todas as vezes que solicitei.

E como arte e vida se entrelaçam, pode-se dizer que para a pessoa surda a arte possibilita a expressão pelas diferentes linguagens e facilita o entendimento e interpretação de mundo. Uma visão de mundo que se pode ser construída e (re) construída a partir dos olhos dos surdos.

3.1 O SURDO ARTISTA OU A ARTE SURDA?

Buscando os surdos nos espaços expositivos trago alguns artistas surdos de diferentes regiões do país, diferentes estilos e formas de expressão. Todos divulgando de alguma forma o seu potencial artístico, provando que a surdez não impede que o artista se comunique com os ouvintes através da arte, na qual isso tudo se torna mais suave, sutil e belo.

Você sabia que Francisco Goya (Figura 2) era surdo? O artista e suas vulnerabilidades de um pintor surdo. Nasceu em Fuendetodos, Aragão, Espanha, no dia 30 de março de 1746. Apesar de ter nascido ouvinte, sua vida estava cercada de fatos trágicos.

Figura 2 - Autorretrato Goya



Fonte: <http://www.arqnet.pt/porta/biografias/goya>

Sua sensibilidade visual, sua percepção foi aperfeiçoada devido à surdez. Suas obras (figuras 3 e 4) mostravam detalhes de fatos ocorridos na época.

Figura 3 - Fuzilamento de 8 de maio de 1808



Fonte: <http://abstracaocoletiva.com.br/2013/02/27/fuzilamentos-de-tres-de-maio-tema/>

Figura 4 - Três de maio



Fonte: http://sol.sapo.pt/blogs/jaguar/archive/2007/11/18/A-Versalidades-na-pintura-_2DOO_GOYA.aspx

O artista foi reconhecido depois de muito trabalho, de uma trajetória árdua, conforme consta no relato de sua história. Mas sobre a surdez, encontro que: Em 1792 contraiu uma doença séria e desconhecida, ficando temporariamente paralisado, parcialmente cego e totalmente surdo (GOYA, 2015). Embora parcialmente recuperado, buscou outras inspirações que foram para além das obras encomendadas, pois essas não lhe permitiam expressar sua fantasia e invenção.

Além de Goya, durante a elaboração desta pesquisa encontrei muitos artistas surdos. Percebi que muitos surdos têm seus trabalhos reconhecidos,

demonstrando que a surdez não impediu os mesmos de dialogar com a arte, portanto pergunto, o surdo é surdo na arte?

Pensando o surdo como sujeito cultural, remeto-me à escritora surda que tem experiência na área de educação, com ênfase em educação de surdos, Perlin (1998, p.31), quando a mesma diz que: “constatei que o dócil corpo da diferença cultural tomava forma para significar o legado histórico e o legado presente que nos movia enquanto sujeitos culturais”.

Apresento também o artista plástico surdo Marcos Anthony Timóteo de Minas Gerais. Aos sete anos começou a pintar e aos nove anos de idade já expunha suas telas no Palácio das Artes em Belo Horizonte, na galeria Arlindo Corrêa, juntamente com pintores adultos. Foi o pontapé inicial para o mundo das exposições de projeção nacional e internacional (TIMÓTEO, 2015).

Figura 5 - Foto Marcos Anthony



Fonte: <http://www.artelista.com/autor.php?a=6978942344780854&offset=2>.

O trabalho de Marcos nos mostra que sua arte retrata alguns conceitos religiosos, mas ilustram também minorias indígenas, povos peruanos com suas características percebidas por este artista, desenvolvidas através de sua percepção e identificação de culturas diversas.

Figura 6 – A deusa dos animais e os guerreiros



Fonte: <http://www.artelista.com/autor.php?a=6978942344780854&offset=2>.

Figura 7 - Os guardiões



Fonte: <http://www.artelista.com/autor.php?a=6978942344780854&offset=2>.

Outra artista surda que faço referência é Fernanda Machado, artista da atualidade que desenvolve trabalhos divulgando a Libras e a condição de surda no envolvimento com a arte contemporânea. Fernanda Machado é artista plástica, atriz e poetisa surda. Uma das primeiras artistas encontrada em minha pesquisa, que muito me inspira.

Figura 8 - Fernanda Machado



Fonte:<http://formacaodocentedesurdo.blogspot.com.br/2010/10/arte-surda.html>

A artista é formada em belas Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Fernanda procura explorar em suas obras sua experiência com a surdez. Suas pinturas, esculturas e gravuras homenageiam desde representações de grandes nomes da história da educação de surdos no Brasil, em específico Ernest Huet, professor surdo francês que, no século XIX, fundou no país o Imperial Instituto dos Surdos Mudos, hoje INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos, até questões relativas às barreiras encontradas e superadas por pessoas surdas. Segundo site da artista, “as telas e esculturas são fruto de sua sensibilidade e percepção visual e gestual da Língua Brasileira de Sinais, tendo como objetivo revelar ao público um pouco da experiência cultural dos surdos brasileiros”. Algumas de suas obras não possuem nome, mas encontro no site oficial da artista sobre a figura 9 e 10 um dizer que procura “retratar nelas sua experiência com a surdez e divulgar a cultura surda”(MACHADO, 2015).

Figura 9 - Arte Surda



Fonte: <http://www.fernandamachado.net>

Figura 10 - Arte Surda



Fonte: <http://www.fernandamachado.net>

Neste sentido, considerando as produções artísticas apresentadas, entendo que o homem desenvolve uma rede de conexões, entre surdos e ouvintes, por exemplo, que permitem o desenvolvimento da linguagem, proporcionando o conhecimento de si mesmo, da sua cultura e do mundo, estreitando relações.

Segundo Castanho (1982, p.56), “a arte envolve a construção da linguagem, modo singular de reflexão humana, onde interagem o racional e o sensível”. Pensando a construção da linguagem como um todo, não podemos priorizar a linguagem oral, por exemplo, numa concepção de inclusão, onde ficaria o sujeito surdo à margem novamente.

3.2 OS SURDOS SÃO SURDOS NA ARTE?

Ser surdo, segundo o decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, em seu art. 2º: “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um (41) decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Diante deste fato sabemos que possuímos outros órgãos dos sentidos, não somos apenas ouvidos, mas seres completos e complexos. Podemos nos relacionar com objetos, animais, natureza e pessoas de várias formas. Posso não ouvir os ruídos externos, não conheço esta experiência de ouvinte, mas posso ouvir os sons que circulam meu corpo, meu coração e minha alma. Posso sentir o clamor de meu coração, sentir tristeza e alegria que rodeiam qualquer ser humano. Posso sentir na pele os encantos da arte, da música, da poesia, do amor. Portanto também sou completo e complexo, sou um ser de direito como muitos de meus companheiros surdos, defendo aqui um direito à arte, um direito de sentir, de fazer, de apreciar e de compreender.

O que dizer da arte, que para mim é tudo e mais um pouco? É deixar fluir o que vem de dentro e de fora, é deixar navegar pelo horizonte da vida de forma leve, suave, como uma brisa ou uma tempestade. Arte é construção cultural e como toda cultura se diferencia nas determinadas regiões, povos, nações e com a evolução da humanidade sofre transformações, se amplia, muda o tempo todo.

Particularmente, não consigo perceber surdez na arte, mas quietude, conflito, estranheza, reflexão, alegria, paixão. Então pergunto: Os surdos são surdos na arte? Nessa efervescência de sentimentos é que vou me construindo como pessoa, como aprendiz de pesquisador, de artista que apresenta sua produção, seu processo criativo, seus apelos e desejos enquanto artista surdo que sou. Associo a surdez na arte como a falta de compreensão e de acesso, o surdo pode ser surdo na arte se não for dado a ele o acesso a arte que é seu por direito.

4 ESPELHO SURDO: MEU PROCESSO DE CRIAÇÃO

Espelho Surdo: meu processo de criação traz um pouco de meu processo de construção enquanto artista e produtor de minhas próprias identidades e histórias. Nasci surdo e fui inserido na comunidade ouvinte do nascimento aos nove anos de idade, quando recebi o diagnóstico de surdo neurossensorial bilateral profundo e severo. Venho de uma família ouvinte, onde dependia de comunicação oral para expressar meus pensamentos e anseios, e até então não conhecia nenhum surdo. Desta forma, fui conhecendo outra realidade: a de ser surdo e ter uma identidade, uma cultura diferente daqueles que me cercavam. Hoje possuo uma cultura visual, característica da língua da qual me utilizo, cuja definição, segundo Perlin (1998, p. 56) é de que “a cultura surda, como diferença, se constitui em uma atividade criadora. Símbolos e práticas jamais aproximadas da cultura ouvinte”.

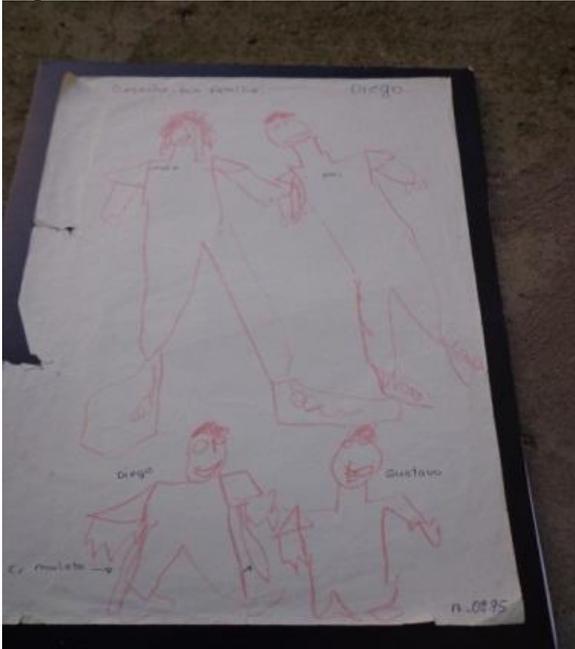
A cultura visual se dá através da consciência de uma identidade. E a identidade do surdo passa pela visão. Perlin (1998, p.63) afirma que:

Identities surdas estão presentes no grupo onde entram os surdos que utilizem uso de experiência visual propriamente dita. Percebo nesses surdos, formas muito diversificadas de usar a comunicação visual, identidade fortemente centrada no ser surdo, a identidade política surda. Trate-se de uma identidade que sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda de ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais.

Aos poucos fui percebendo a necessidade de expressar-me de forma que a comunidade ouvinte pudesse me compreender. Então busquei diferentes maneiras de fazer isso, através de gestos, desenhos e representações. Bauman (2003) define comunidade como uma concentração de pessoas, construídas com história, identidade, língua e culturas próprias. A partir disso questiono: como meu processo de criação pode melhor dialogar com essa comunidade surda?

Neste processo de me fazer artista, em específico como acadêmico do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, remeto-me às minhas produções ainda de menino de escola pública estadual, que via no desenho uma maneira de estreitar a relação entre professor e aluno surdo. Assim, vou trazendo algumas dessas produções para melhor evidenciar este processo de criação que vou sistematizando nesta pesquisa. Na figura 11 registro minha família como minha primeira ideia de comunidade, de socialização e de compreensão de mundo.

Figura 11 - Minha Família



Fonte: Acervo do autor(17/02/1995)

Como compreender esse mundo, a subjetividade nesse universo que muitas vezes me é apresentado pela linguagem oral, a qual eu não consigo me apropriar por completo? Como materializar a ideia de vida e de morte? O que e como isso me toca no processo de me constituir sujeito? Na figura 12 remeto-me a um momento em que tento materializar o que ainda me é incompreensível: a morte. Trago em marcas de tinta a representação do funeral de minha bisavó como algo que faz parte de mim.

Figura 12 - Funeral de minha bisavó



Fonte: Acervo do autor(24-04-1995)

Na escola, a educação artística era a disciplina que mais gostava, apesar de na maior parte do tempo ser o cérebro mais valorizado do que o restante do corpo. Havia também a necessidade de me tornar igual aos demais alunos, ter uma comunicação igual à de todos. Iniciou-se então um trabalho de recuperação do “tempo perdido”, a busca de outras formas de comunicação. Lembro-me muito bem das diversas vezes em que fui envolvido em peças teatrais organizadas na escola, as incontáveis vezes que fui árvore ou flor, imóvel, apenas com a expressão de alegria, o brilho nos olhos e sorriso que ficava amostra, porque eu adorava representar e participar de peças teatrais. Eu sempre fui muito expressivo, meu corpo sempre falou por mim, e muitas vezes fui totalmente desprezado. Serei árvore ou flor no universo da arte? Como artista surdo quero ser mais do que árvore ou flor.

Segundo Gaiger (2000, p.110) “o corpo reflete todas as nossas experiências e tem em si inscrita toda a nossa história; é através dele essencialmente que nós nos comunicamos e nos expressamos”. Depois de adulto, já inserido na comunidade surda, comecei a vivenciar algumas formas de arte. Foi nesta comunidade que percebi as primeiras representações da existência de uma arte surda, como objeto de uma representação social, que utiliza recursos, tais como: a utilização das mãos e corpo para declamar poesias, o teatro sinalizado e pinturas, onde o elemento principal eram as mãos (figuras 13 e 14).

Eis aqui o elemento chave de meu processo de criação; minhas mãos. Já no curso de Artes esses elementos vão se somando e as possibilidades de eu me fazer sujeito ativo nesse processo de construção vão se ampliando.

Figura 13 - : Desenho - Exposição “Somos”



Fonte: Acervo do autor(2013)

As mãos começam a “falar” mais forte e essa relação da Libras e da representação artística vai tomando corpo, ainda que de maneira bastante subjetiva, mas que aponta para um caminho que vai ganhando significação. A exposição “Obra Somos”, aconteceu no espaço Cultural da UNESCO, na qual os acadêmicos da disciplina de Agenciamento Cultural, na sexta fase do curso, tendo como a professora a Sra. Amalhe Baesso Reddig, tinham como proposta se autorretratar a partir de seu reconhecimento de quem somos. As linguagens utilizadas como forma de criação poderiam ser: desenho, pintura e fotografia. Fiquei bastante entusiasmado e produzi a obra “Somos” – pintura em tela.

Figura 14 - Obra Somos



Fonte: Acervo do autor(2013)

Nesse processo de criação pretendo, com a obra Espelho Surdo, retratar algo que vai além do que um espelho comum poderia retratar. Espelho Surdo que dialoga com a arte contemporânea, com a Libras e reflete o meu ser, um pouco do que está dentro de mim, a minha alma. Proponho assim quebrar a barreira do silêncio, romper com o silêncio interior. Faço uma viagem interna e trago para fora o meu “eu”, um eu que chamo de “verdadeiro”, para quem quiser ver e ouvir.

No exercício do diálogo teórico, remeto-me ao que dizem Brites e Tessler (2002, p.37): “o próprio artista poderá falar de seu processo, analisar suas intenções, descrever os materiais e técnicas que empregou, sem, todavia, expor a verbalização, ocorrerá perdas e/ou descaminhos”. Otávio Paz (1984, p.37) comenta as ideias de Duchamp: “o artista nunca tem plena consciência de sua obra: entre as suas intenções e a sua realização, entre o que quer dizer e o que a obra diz, há uma

diferença”. Para o autor (idem), ”o espectador interpreta e refina o que vê”. Portanto “EspelhoSurdo” representará através do vídeo um retrato de mim mesmo, que teve como base o livro “Espelho de artista” de Kátia Canton, que apresentou de que forma os artistas se autoretratavam.

No primeiro semestre de 2015 participei de uma oficina de fotografia com a artista Maria Virgínia Yunes, de Florianópolis, e a mesma nos fez uma proposta de trabalho. Os participantes da oficina deveriam procurar no espaço da UNESCO um lugar, objeto, canto que pudesse representar o nosso processo acadêmico e representar através de fotografias seus sentimentos, o que sentia ocupando, fotografando estes espaços. Saí pela UNESCO em busca de um espaço que descrevesse meu processo de construção, meu processo criador. Pensei, quando cheguei aqui na UNESCO, no curso de artes visuais, que me sentia preso, escondido, não conseguia me expressar. Depois de quatro anos me sinto diferente, já consigo expressar meus sentimentos, me sinto livre. Na busca por um cenário vi uma árvore e todo um espaço sendo banhado pelo sol que irradiava pelo espaço. Comecei fotografando uma porta aberta, querendo desenvolver o conceito de liberdade, vi que não daria conta do que estava sentindo. Então fotografei uma pomba comendo sozinha no jardim, me aparentando estar bem, mas procurava algo, tentei fotografá-la voando, mas não deu tempo. Por último vi e decidi que seria a fotografia dos raios do sol entre os galhos da árvore. No chão pude ver o brilho e a luminosidade que refletia, parecia o que eu estava sentindo, alegria e “liberdade”. No final, olhando as fotos para apresentar aos meus colegas percebi que fotografei meu processo criador: Primeiro o convite, pode entrar e começar a se libertar, depois comecei a dar os primeiros voos e a gostar muito do que sentia e por último como o sol, já estava livre para me expressar da melhor maneira que eu pudesse, isso é o que revelam as figuras: 15,16,17, e 18.

Figura 15 - Espaço do campus Universitário



Fonte: Acervo do autor

Figura 16 - Espaço do campus Universitário



Fonte: Acervo do autor

Figura 17 - Espaço do campus Universitário



Fonte: Acervo do autor

Figura 18 - Espaço do campus Universitário



Fonte: Acervo do autor

No momento das fotos estava mais uma vez me retratando. Utilizando o autorretrato no espaço da UNESCO, utilizando a fotografia como forma de linguagem.

Outra forma de linguagem na qual fui protagonista foi a dança-teatro na disciplina de Linguagem Teatral e Educação, onde tínhamos como proposta de trabalho criar uma coreografia tendo como elemento efetivo o elástico. O objetivo era experimentar movimentos, passos, expressões que demonstrassem toda a emoção necessária para o tema que defini como: o despertar para a vida. Foi o momento de explosão de conhecimentos e emoções que estão retratadas em vídeo e nas figuras 19 e 20.

Figura 19 - Dança - Teatro



Fonte: Acervo do autor

Figura 20 - Dança – Teatro



Fonte: Acervo do autor

Também tive o prazer de dialogar com algumas obras da artista Roberta Mestieri, intituladas “Pressões e Impressões”, que estavam expostas no Espaço Cultural “Toque de Arte”, no hall de entrada da UNESCO. Todas as obras são pinturas em tela com contornos e traços de corpos nus em diferentes posições, encolhidos, escondidos. O que pude perceber é que todas estavam sem rosto, sem olhos e, diferente de mim, que procura retratar explosão, libertação, tive a impressão que a artista retrata de forma sutil a liberdade de expressão da mulher em corpos nus. (Figuras 21 e 22).

Figura 21 - Exposição UNESCO – Piedade em laranja – 2014
Pintura (0,90 cm x 0,98 cm)



Fonte: Roberta Mestieri

Figura 22 - Exposição UNESCO – Contorcionista – 2014
Pintura (0,90 cm x 0,98 cm)



Fonte: Roberta Mestieri

Mas como trazer essa experiência, esse processo para uma produção que revele um pouco do que me constitui como sujeito surdo e aprendiz de artista?

4.1 A ESCOLHA DA LINGUAGEM E SEU CONCEITO

Vygotsky (2001) conceitua a linguagem humana como tendo funções básicas: de comunicação social e de pensamento generalizante.

Em outras palavras, além de permitir a comunicação entre as pessoas, ela simplifica e generaliza a experiência, criando categorias conceituais, facilitando o processo de abstração e generalização.

Para Vygotsky (2001, p.57) “a linguagem é social uma vez que é construída socialmente e que surge nos grupos para que os seres humanos possam se comunicar”. Podemos enunciar que a linguagem tem funções sociais porque a aquisição e o desenvolvimento desta aumenta a qualidade da relação do homem com o mundo e com o outro, e este consegue se expressar e entender melhor o outro, isto é, aprimora sua interação social. Como também a linguagem é uma construção humana que tem sentido e significados construídos culturalmente dentro de um grupo. Mesmo assim quando o sujeito surdo está inserido fora da comunidade surda e sua linguagem é dificultada pela falta da língua brasileira de

sinais e ocupa outros espaços na sociedade aparece como sujeito surdo por ser minoria e por não encontrar ali outra forma de expressão como a arte possibilita.

Portanto, como acadêmico de Artes Visuais, que se utiliza das diferentes linguagens, neste processo de criação considero o corpo do artista como forma de expressão.

Escolhi, assim, representar a linguagem do corpo através do vídeo para construção de minha obra, a produção artística do Trabalho de Conclusão de Curso.

O processo consiste em algumas experiências a partir das questões centrais das reflexões aqui apresentadas, faço recortes de algumas frases e busco trazê-las na linguagem da Libras. As experiências se fazem a partir da captação de imagens, do exercício de expressar-me por meio da Libras. As imagens capturadas – em momentos diferenciados e em lugares também diferentes a partir da necessidade que sinto de experimentar – são selecionadas, escolhidas, reorganizadas e quando necessário, foram regravadas. Após a seleção, foi feita a edição: momento em que eu e um técnico trabalhamos para que fosse evidenciado no vídeo o que busco representar: a relação entre Libras e arte, em um trabalho artístico que chamo de “Espelho do Artista”.

Como a arte se utiliza de recursos de seu tempo e a imagem visual se faz importante no processo de aprendizagem acadêmica, escolhi vídeo-arte, arte e mídia como linguagem para o processo de produção artística, nos remete ao que Machado (2008) afirma. Para ele, arte e mídia são mais que a mera utilização de câmeras, computadores e sintetizadores na produção da arte, ou a simples inserção da arte em circuitos massivos como a televisão e a internet.

Para Machado (idem p.10): “Se toda arte é feita com os meios de seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidade e saberes do homem do início do terceiro milênio”.

O artista procura fazer uso dos recursos que lhe são permitidos, em muitos aspectos para alcançar os avanços que a tecnologia propiciou ao longo do tempo. Com a relação arte e mídia, as pessoas surdas podem ter acesso a diferentes formas de se expressar e compreender os diversos conceitos da arte e da vida que, muitas vezes, eram obsoletos e abstratos, sem significado, portanto sem utilidade para os surdos.

Com relação à arte e mídia Machado (idem) nos adverte que “é necessário porque cada vez mais a arte contemporânea se alia às novas possibilidades tecnológicas”. Santaella (2001, p.171) defende que “quando novos meios surgem, seus potenciais e usos, ainda desconhecidos tem de ser explorados. É a alma inquieta dos artistas que os leva, invariavelmente, a tomar a dianteira nessa exploração”.

Minhas experiências com a captação de imagens, trazendo questões desta escrita para a linguagem da Libras, no sentido de fazer uso de meu corpo como forma de expressão, é uma maneira inquieta de construir um pensamento a partir da produção “Espelho de Artista”, um exercício de exploração que se materializa em uma produção artística.

Entendendo que vídeo-arte é uma forma de linguagem, que tem o vídeo como recurso principal, possibilitando a expressão artística através da utilização de imagem para estreitar a relação com espectador.

A vídeo-arte começou a ser utilizada nas artes visuais nos anos 60, com o aparecimento da vanguarda. A vídeo-arte possibilita apresentar sensações que representam uma ideia por completo, um resumo sintético do que se quer passar, não importando o tempo, qualidade de imagem ou enredo e personagens (sendo tudo utilizado a favor da ideia). Também se difere dos cinemas por não compartilhar especificamente da perspectiva de exibição em salas escuras com cadeiras dedicadas a um posicionamento confortável. Sendo mais uma alternativa para os artistas plásticos experimentarem outros meios para apresentar suas obras. Portanto, a vídeo-arte ganha força na década de 90, o qual se tornou popular período em que artistas foram contratados por emissoras de televisão para criar vídeos comerciais. Porém os artistas tinham o interesse de transformar a televisão em um ambiente cultural. Hoje se percebe que a vídeo-arte está fazendo parte de instalações interativas, como pude constatar na Bienal de Porto Alegre em 2013, em que um monitor localizado no centro da sala mostrava imagens de um menino navegando de barco em um grande lago, música suave e imagem belíssima que nos fazia viajar no nosso interior, a partir de uma possível calmaria da imagem vista (infelizmente não lembro o nome da obra). “Todas as transformações atuais ocorridas no processo de criação não abalaram de forma alguma a vídeo arte como meio de transmissão de ideias, e sim colaborou para que artistas reanalisassem as novas possibilidades que estão à sua frente” (Machado, 2008, p.24).

A tendência é a da mutação, análise crítica e criação. Na vídeo-arte se tem o jogo das sensações: você a vê como um todo, não como um processo que se constrói aos poucos, porque ela nada mais é do que uma ideia condensada, a ser transmitida pela ferramenta audiovisual, qualquer que seja.

Minha ferramenta audiovisual é fruto de uma performance realizada para esse fim: produzir um vídeo que estampe meus desejos enquanto artista surdo, um desejo de melhor estreitar a relação do surdo com a arte. O vídeo consiste em pequenas cenas de mim mesmo materializando uma possibilidade de como a Libras pode se fazer como alimento na arte contemporânea.

Busco nesta obra também trabalhar com os recursos que temos disponíveis no mercado e que a pessoa surda tem acesso. São as imagens em movimento. Segundo Machado (2008) a ideia de fazer arte na mídia ou com as mídias ainda está em discussão por seu caráter de escala industrial. Porém, os defensores da utilização destes recursos afirmam “que a demanda comercial e o contexto industrial não necessariamente inviabilizam a criação artística, a menos que identifiquemos a arte com o artesanato ou com a aura do objeto único” (idem p.24).

Como já discutimos anteriormente, a arte de cada época utiliza-se também de seus meios, recursos e demandas, haja vista que o artista se constitui em sua própria história e época. Caminho assim para revelar um pouco mais desta construção a partir do que chamo de estrutura da proposta.

4.2 A ESTRUTURA DA PROPOSTA

Revedo todos os meus trabalhos e os caminhos que percorri, percebi que desde muito cedo minhas inquietações já se faziam pertinentes e vinculadas ao conteúdo desta pesquisa.

A produção artística “Espelho Surdo” busca no exercício do autorretrato uma estrutura que começou a ser produzida em quase todos os trabalhos que fiz até aqui, durante minha trajetória, principalmente de vida acadêmica.

Os trabalhos a seguir mostram – figuras 23 e 24 – diferentes formas que utilizei para me autorretratar.

Figura 23 - Olhos Atentos



Fonte: Acervo do autor(2013)

Olhos atentos foi um trabalho realizado na disciplina de pesquisa e pintura, na qual tive a possibilidade de experimentar diferentes pincéis, texturas e espessuras diferentes. Olha eu aí de novo, tentando romper com as barreiras que me impedem de prosseguir.

Figura 24 - Fotografia - Autorretrato



Fonte: Acervo do autor

Autorretrato foi mais um trabalho realizado na disciplina de processos fotográficos como mais uma possibilidade de criação no meio da arte.

Todos estes trabalhos são meus autorretratos ou retratos de pessoas próximas a mim, ou ainda acontecimentos que me envolveram e que de alguma forma mexeram com meus sentimentos. Desenhei, pintei, serigrafuei, refleti, criei,

fotografei, demonstrei minha religiosidade, cultura, língua, identidade. Questões que me cercam e me constituem sujeito, como nas figuras 25 e 26: serigrafando e a figura 27 que chamo de autorretrato.

Figura 25 - Serigrafando



Fonte: Acervo do autor

O exercício da serigrafia foi muito interessante. Buscava sempre trazer e criar desenhos já utilizados em meu processo acadêmico. A figura do leão que me representa em alguns momentos, agora sem grades. A Libras como a língua do surdo que utilizo e faço questão de divulgar, é parte de minha família, que representa minha base enquanto ser humano.

Figura 26 - Croqui - Serigrafando



Fonte: Acervo do autor(2013)

Figura 27 - Autorretrato



Fonte: Acervo do autor(2012)

Este autorretrato segue a linha do leão, sou eu representando garra, força, beleza, agilidade. Este é um dos animais mais rápidos do reino animal, começo aqui a pensar em liberdade de expressão sem limites.

Figura 28 - Torres gêmeas



Fonte: Acervo do autor(11/09/2001)

Torres gêmeas, fato que chocou o mundo, que demonstra minhas crenças, minha espiritualidade, a passagem da vida terrena, que transcende o corpo.

Figura 29 - Sobrinha Emili

Monotipia



Fonte: Acervo do autor(2012).

Em cada fase de nossas vidas, as mudanças acontecem. Minha sobrinha veio enchendo minha casa de amor e alegria. Ela aparece em alguns de meus trabalhos, porque vejo nela um dos sentimentos mais puros do ser humano: o amor.

Figura 30 - Padroeiros



Fonte: Acervo do autor(2015).

Minha espiritualidade também está retratada em várias telas já pintadas, que não foram acrescentadas nesta pesquisa. Minha crença, meus padroeiros. Tenho muita necessidade de ler, pintar, retratar figuras da igreja católica. Minha primeira tela pintada é Jesus Cristo, ainda não tinha pegado nenhuma tela ou tintas de pinturas em tela, foi meu primeiro experimento.

Figura 31 - Light Painting



Fonte: Acervo do autor(2013).

Esta produção utiliza a técnica da pintura com luz, demonstrando a beleza do aproveitamento da luz na fotografia. Nesta, contornei meu corpo com luz, rompendo a barreira externa na tentativa de deixar reluzir a essência do corpo interno.

Figura 32 - São Francisco de Assis - Paredes do meu quarto de praia.



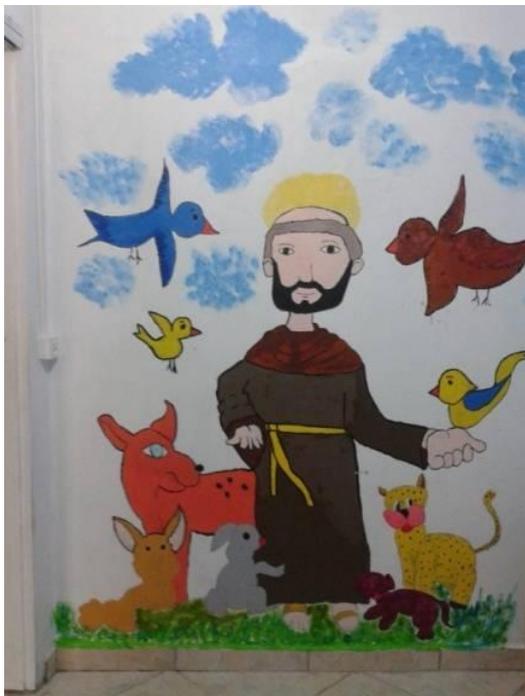
Fonte: Acervo do autor(2015)

Figura 33 - São Francisco de Assis



Fonte: Acervo do autor(2015), Parede do meu quarto de praia.

Figura 34 - São Francisco de Assis



Fonte: Acervo do autor(2015), Parede do meu quarto de praia.

São Francisco de Assis é considerado um santo da igreja católica por ter renunciado a qualquer forma de propriedade e ter se dedicado à pobreza. Sua imagem é sempre retratada entre crianças e animais, nas quais, para

mim, represento cuidado, dedicação com estes e pureza da alma. Por ser o desenho minha primeira forma de me comunicar e me expressar com os meus familiares fui aperfeiçoando meus traços e observando como representar esses traços, sempre com intenção. Ainda hoje quando me sinto inspirado desenho em telas, paredes e etc. Porém ainda acho que deve melhorar mais meus desenhos. Reconheço-os como algo que estreita a relação que tenho com o mundo.

Considerando a produção artística desse processo, dessa pesquisa, vem a pergunta: O que representar em linguagem de Libras então? Selecionei cinco frases com intuito de definir uma, que poderia ser o meu produto final como produção artística. Entre elas: **Os surdos são surdos na arte? O surdo artista ou a arte surda? O corpo na arte no exercício do autorretrato. Autorretrato como espelho do próprio artista. O corpo do artista como forma de expressão.** Portanto “O Surdo artista ou a arte surda” é a frase central que define minha produção que tem o título “Espelho surdo: o corpo do artista”, como forma de expressão, minhas mãos, na qual utilizo o vídeo em algumas cenas filmadas utilizando a Libras como língua, como recurso artístico que poderá dialogar com o espectador sobre o problema da pesquisa.

De que forma a Libras pode se fazer como alimento na arte contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão? As mãos podem ser consideradas elemento identificador da comunidade surda, pois é através dela que a comunicação e aprendizagem acontecem. A princípio, esta obra foi solicitada como uma exigência de trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, mas para mim é uma realização pessoal. De acordo com Silva (2004, p.246), “arte pode favorecer o surdo a encontrar significado em um mundo tão complexo. E no encontro de sua humanidade possam recuperar sua autoimagem”.

Tenho percorrido um longo caminho e aprendido muito. Como lá no início da pesquisa, tenho descrito como deixo minhas marcas na construção desta história. A minha necessidade de deixar minhas marcas e de me expressar através das Libras como alimento na arte só aumenta.

O visual é importante, então, em alguns momentos, foram inseridos exemplos de obras de artistas. É importante destacar que as mesmas não foram utilizadas apenas como ilustração, mas como um texto a ser lido pelos surdos dentro da perspectiva da cultura visual. As cenas são registradas através de conversas filmadas em Libras, dentro de uma moldura de espelho representando o que este

corpo é capaz de expressar, neste caso mais precisamente minhas mãos. Para tal, serão utilizadas filmagens com transcrição para o português e legenda do conteúdo das mesmas. Foi necessária a presença do intérprete para realizar de forma adequada a transcrição de Libras para português. Cabe ressaltar que a dificuldade de sinalizar e escrever justifica o uso da filmagem.

Os locais das filmagens serão combinados conforme o decorrer de toda obra, observando clima, contrastes, espaço. Os envolvidos na produção do processo artístico foram as pessoas que até então contribuíram com esta proposta e que frequentam o espaço da UNESCO – Universidade do Extremo Sul Catarinense, neste caso, eu, minha mãe, o intérprete e uma colega de turma: Melissa Scoth, além da orientadora. As figuras 35, 36 e 37 são experimentos de produção da obra “Espelho Surdo: o corpo do artista” como forma de expressão.

Figura 35 - Espelho Surdo: o corpo do artista



Fonte: Acervo do autor (2015)

Figura 36 - Espelho Surdo: o corpo do artista



Fonte: Acervo do autor (2015)

Figura 37 - Espelho Surdo: o corpo do artista



Fonte: Acervo do autor (2015)

As imagens abaixo são fruto de minha produção artística já em fase final, faltando apenas edição e alguns ajustes. A obra “Espelho Surdo” está assim apresentada. Uma moldura de espelho com uma altura que me coubesse dentro dela, porque esta moldura estaria representando todas as barreiras e desafios encontrados em meu processo acadêmico, processo artístico, que eu tive que desbravar, na cena em que saio moldura. Pinte esta moldura de preto porque queria

colocá-la em um fundo branco, assim como minha roupa em preto e branco contrastando com as diferenças, com os opostos.

Em minha camiseta serigrafuei a figura do leão e trago ela em minha obra como em outras que fiz, porque ele sempre me atraiu em suas características biológicas (animal forte, rápido, imponente, poderoso, rei dos animais). Ocupa um espaço de liderança em seu grupo, onde chega impõe respeito, é determinado. Mas o que mais gosto no leão é os olhos que observam, traçam um objetivo, um foco e vai a luta, persegue sua presa até conseguir. Ele se comunica com os olhos e com o corpo, assim como eu.

Figura 38 - Espelho Surdo



Fonte: Acervo do autor (2015)

Figura 39 - Espelho Surdo



Fonte: Acervo do autor (2015)

Figura 40 - Espelho Surdo



Fonte: Acervo do autor (2015)

A obra Espelho Surdo é meu autorretrato se comunicando com a arte contemporânea, a Libras considerando o corpo do artista como forma de expressão.

Reflete os meus desejos, processo de construção enquanto artista e meu processo criativo, convidando espectadores a dialogarem junto comigo estas questões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da arte nas diferentes épocas construiu o acervo cultural da humanidade. Não podemos ler e expressar os objetos de qualquer tempo utilizando os mesmos critérios.

A função da arte, vista aqui como expressão em diversas áreas artísticas, muda em razão do contexto histórico. A arte se estrutura em diversas linguagens artísticas. Aqui se utiliza da imagem, vídeo e Libras como alimento na arte contemporânea, considerando o corpo do artista como forma de expressão.

Todas as formas de expressão representam uma forma de cultura. A do surdo expressa à cultura visual que utiliza a Língua de Sinais como principal forma de expressão. A necessidade de registrar os momentos históricos de nossa passagem por esta vida nos possibilita um conhecimento de mundo, mundo ouvinte e mundo surdo. Portanto, o corpo também se faz presente nesta pesquisa por ser tratado como questão e objeto de construção, que me move a pensar em minha própria produção artística, tendo a mim mesmo como objeto de experimentação. O corpo hoje, mais do que nunca é uma questão, um problema a ser pensado na contemporaneidade.

A partir das minhas marcas corporais, fotografadas e expostas, proponho um diálogo entre minhas mãos, por meio de um diálogo em Libras registrada em vídeo, onde cada movimento cria um diálogo com o espectador. A necessidade de expressão que rodeia o corpo neste meu momento é refletida como a minha produção artística, passando a analisar, através dos sinais, meu corpo como objeto vivo e contemporâneo. A obra “Espelho Surdo” se veste de um processo de produção no qual dialoga com o espectador surdo e ouvinte, fazendo-os refletir.

Neste processo, minhas mãos são apresentadas, refletindo como um território desconhecido ao mundo das artes. Trazendo-as para a arte como instrumento de atuação do corpo e, respondendo ao problema, materializo a produção artística.

Sempre fui muito sensível, observador e explorar o corpo como criação me dá muito prazer. Diante deste fato, as cenas filmadas demonstram minha forma de fazer parte deste mundo, mais precisamente da arte. O ato criador aparece, os movimentos, o diálogo com meu interior vêm à tona e a obra se materializa. E nesta inquietude que vivo, no fazer de minha produção artística já vou sentindo saudades

de alguns momentos, conflitos, solidão, satisfação, alegria. Fui capturando o sensível, o poético das coisas, pessoas e objetos e fui transportando para minha produção na intenção de provocar nos espectadores alguns desses sentimentos vividos no processo. E eu como artista surdo vou percebendo a comunicação sendo estabelecida nesta relação entre arte e libras. Portanto, a obra “Espelho Surdo”, no exercício do autorretrato entra em contato com interno, relaciona-se com a arte, o corpo, a Libras e se materializa em forma de espelho, refletindo o prazer de se fazer arte. A partir de todas estas reflexões entendo que o surdo não é surdo na arte, pois na arte é possibilitado a ele as diferentes formas de expressão na qual consegue estabelecer a comunicação com os ouvintes, para que isso aconteça o acesso é fundamental.

REFERÊNCIAS

ALVES, Carla Barbosa. **A educação especial na perspectiva da inclusão**

Escolar: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez.

Universidade Federal do Ceará, 2010. Coleção do MEC.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.**

Tradução Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, 1988.

Disponível em:

<www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 03/06/2015

BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs). **O meio como ponto zero:** metodologia da pesquisa em artes plásticas. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 2002.

CANTON, Katia. **Espelho de artista.** São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009

CASTANHO, Maria Eugênia, **Arte-educação e intelectualidade da arte –**

Contribuição ao ensino da Educação Artística no Brasil após a Lei 5.692/71, tese de mestrado, orientadora Dr^a Amélia Americano Domingues de Castro, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1982.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução.** São Paulo: Martins, 2005.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea.** Recife: Massangana, 2006.

FERNANDA Machado. Portal Cultura Surda. Disponível em:

<culturasurda.net/2011/12/12/fernanda-machado/>. Acesso em: 04/06/2015

FRANCISCO José de Goya Y Lucientes. O portal da História. Biografias. Disponível em: <<http://www.arqnet.pt/portal/biografias/goya.html>> Acesso em: 03/06/2015

GAIGER, Paulo. **A escola, o corpo, o teatro,** uma fotografia no deserto. UFRS, 2000.

García, Fernando Herraiz. **Uma aproximação à pesquisa narrativa**

autoetnográfica: algumas questões para continuar aprendendo. Processos e

Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação. Ed. Martins, Raimundo;

Tourinho, Irene. Santa Maria: UFSM, 2013.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte:**sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

INSTITUTO Brasileiro de geografia e estatística - IBGE, 2010. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_3.pdf>. Acesso em: 03/06/2015

KOCK, KlaraFriederike, et al. Discussão e prática da autoetnografia: um estudo sobre aprendizagem organizacional em uma situação de catástrofe. **RGO Revista Gestão Organizacional**. Vol. 5 – N.1 – Janeiro de 2012. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/download/9701>> Acesso em 11/05/2015.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MARCOS Anthony. Biografia. Disponível em: <<http://wwwmarcosanthonycom.artelista.com/>>. Acesso em: 03/06/2015.

MINAYO, M^a Cecília. **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes Ltda, 1993.

MOREIRA, Daniela Almeida. **Uma experiência na ação educativa em espaços culturais de arte para público de surdos**. Anais do Encontro do Grupo de Pesquisa Educação, Arte e Inclusão. v. 1. n. 2. Florianópolis, 2012.

PAZ, Otávio. **Os filhos do barro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. **Educação @Distância: historiados surdos**. Caderno Pedagógico. Pedagogia para surdos. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SILVA, Graça Maria Dias da. Inserção Social da Pessoa Surda – Mitos e Arte como Possibilidade Mediadora. In: **Anais do Congresso**. Rio de Janeiro: INES, Divisão de Estudos e Pesquisa, 2004.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **A linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. Ícone editora, 2001.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**.2. Ed. Campinas: São Paulo: Autores associados, 2001.